

BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Um conto da série
Batidas Perdidas

Entre o
ÚLTIMO E O
Primeiro dia



BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Um conto da série

Batidas Perdidas

Entre o
ÚLTIMO E O
Primeiro dia

BIANCA BRIONES

Autora da série "Batidas Perdidas" e "Como se fosse magia".

Entre o
ÚLTIMO E O
Primeiro dia

Um conto da série
Batidas Perdidas

Copyright © 2016 Bianca Briones

Capa: Lari Azevedo

Diagramação: Lari Azevedo

Imagens da Capa:

Homem - Shutterstock @157563395

Mulher e criança – Shutterstock@ 179681114

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº

9.610/98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

NOTA DA AUTORA

Este é um conto da série Batidas Perdidas.

É um agrado para os fãs dos livros que vivem me pedindo por mais deste universo que tanto amamos.

Sou muito grata a vocês por darem sentido à minha vida e me inspirarem a escrever mais e mais.

A história se passa entre o quarto e o quinto livro (ainda não lançado e previsto para 2017).

Pode ser lido de forma independente? Pode.

Mas você o apreciará mais, se tiver lido pelo menos um dos livros da série.

É possível que haja spoilers, contudo mantive em segredo com quem Branca fica no final de **O Desapego Rebelde do Coração**, única história em que temos um triângulo amoroso.

Haverá um bônus no final do conto e, este sim, terá o grande spoiler, mas não se preocupem, porque deixarei um aviso ENORME antes. Será um presente para aqueles que querem ver mais daquele casal tão inflamável.

Espero que vocês gostem! <3

E, lembrem-se de que vocês são incríveis e de que eu adoro vocês demais, porra!

Um beijo,

Bianca Briones

ORDEM DOS LIVROS E PROTAGONISTAS DA SÉRIE BATIDAS PERDIDAS:

As Batidas Perdidas do Coração e A Escolha Perfeita do Coração

Protagonistas: Rafael Ferraz e Viviane Villa

O Descompasso Infinito do Coração

Bernardo Albuquerque e Clara Bertolazzo

O Desapego Rebelde do Coração

Branca Albuquerque, Lex Rocha e Rodrigo Villa

Batidas Perdidas #5 (previsão de lançamento: 2017)

Lucas Ferraz e (pode ser spoiler)

Batidas Perdidas #6 (ainda sem previsão de lançamento)

Quem sobrou do triângulo do Desapego e (spoiler)

Batidas Perdidas #7 (ainda sem previsão de lançamento)

Mila Vizibelli e Vicente Villa

Batidas Perdidas #8 (ainda sem previsão de lançamento)

Spoiler e spoiler. haha

FAMÍLIAS E IDADES ATUAIS DOS PERSONAGENS CITADOS NESTE CONTO:

Os Villas

Viviane (25) e Rodrigo (25) – irmãos. Eles têm dez meses de diferença.

Vicente (32), Fernanda (25) e Thiago (23) – irmãos (e primos de Vivi e Rodrigo)

Os Albuquerque

Branca (28) e Bernardo (25) – irmãos

Clara (28) – casada com Bernardo desde O Descompasso.

Os Ferraz

Rafael (30) e Lucas (25) – primos

OBS: Viviane é Villa Ferraz desde A Escolha Perfeita.

OUTROS PERSONAGENS PRESENTES NA SÉRIE E NESTE CONTO:

Maurício (32) – ex-marido da Clara

Lex (29) – amigo de infância do Rafael

Augusto (29) - marido da Fernanda

Mila (25) – amiga de infância da Viviane

IDADE ATUAL DAS CRIANÇAS JÁ CITADAS EM OUTROS LIVROS:

Os gêmeos Pedrinho e David – 9 anos – Filhos da Clara e do Maurício

Felipe – 6 anos – Filho da Fernanda e do Augusto

Priscila – 3 anos – Filha da Viviane e do Rafael



Capítulo 1

GRUPO DOS VILLALBUQUERQUES NO WHATSAPP

Esta família é muito unida
E também muito ouriçada
Brigam por qualquer razão
Mas acabam pedindo perdão
“A Grande Família” – Dudu Nobre

Você alterou o nome do grupo para
Rádio Fofoca dos VillAlbuquerque e Cia

Vivi Villa

Rafa!

O grupo é pra decidir a noite de ano novo e não pra fofoca.



Branca Albuquerque

Afe, assim você vai perder o título que eu te dei.



Primeiramente... uma vez mestre,
sempre mestre.

E o se o grupo é pra falar da noite de
fim de ano, por que vocês estão
falando da Fernanda?



Clara Albuquerque

O Rafa tem razão.



Branca Albuquerque

Agora pronto.

Se for pra concordar com o Rafa, fica
quieta, Clara, ou vou te excluir do
grupo.



Rodrigo Villa

Eu sou o administrador.

Só avisando.

Ninguém vai excluir a Clarinha. ❤️

Agora vou tirar a pipoca do
micro-ondas pra acompanhar esse
papo.

Falem mais.



Branca Albuquerque

Aproveita e coloca o seu celular lá dentro, ô moleque!



Rodrigo Villa

Não tô bêbado.



Maurício Andrade

Quem começou o assunto da Fernanda foi você, Rafa.



Ih, chegou o advogado do diabo.



Mila Vizibelli

Caramba, 289 mensagens!
Tô de plantão, gente.
Como vou ler tudo?
Vocês não trabalham não?



Lucas Ferraz

Eu tenho mesmo que ir?



SIM!



Vivi Villa

SIM!



Clara Albuquerque

SIM!



Branca Albuquerque

Se começar com esse cacete de conversa de novo, vou te arrebentar, Lucas.



Mila Vizibelli

Já conversamos, Lu.

Eu vou estar de plantão (Sim, de novo, parem de me encher!) e, se formos viajar, você dirige e eu durmo.

Chegou um paciente. Adeus.



Lucas Ferraz

Ok

Só me falem então.

Vou entrar numa reunião.



...



Bernardo Albuquerque

... o quê?



Alguém mais acha que esses dois
estão transando?



Bernardo Albuquerque

Olha o mestre da fofoca aí.



Branca Albuquerque

HAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHAHA



Vai se foder, Bernardo!



Vicente Villa

Quem está transando?



Rodrigo Villa

Oxi, eu coloquei o Vicente no grupo? ✓✓

Fernanda Villa

Já falei que não sei se vou ainda.
Parem de ficar conspirando sobre
isso. ✓✓

E, pronto, outra revolução se inicia no grupo.

Dois dias e 1458 mensagens depois...

Lex Rocha

Vocês pelo menos decidiram onde
vamos passar o ano novo? ✓✓

O que que você acha? ✓✓

Lex Rocha

Não ✓✓

Então por que pergunta, porra?





Like a fever
Burning faster
You spark the fire in me
Crazy feelings
Got me reeling
They got me raising steam ^[1]
“Let Me Put My Love Into You” – AC/DC

E depois de dias e mais dias de sugestões, discussões, reclamações e conversas que não tinham nada a ver com onde passaríamos o Ano Novo, nós nos decidimos pela casa de praia dos Villa.

Passamos o Natal na casa dos Albuquerque com os mais velhos, mas eles resolveram fazer um cruzeiro no Ano Novo. E como aqui ninguém é doido de levar tantas crianças para um navio por dias, ficamos com a casa da praia.

Obviamente tivemos um Natal comum, o que significa o pacote completo:

Confraternização

Amor pra porra

Choro desnecessário

Secadas do caralho

Discussões sem sentido

Torta de climão

Choro de felicidade

Mais choro sem explicação

Gente caindo e sendo empurrada na piscina

Risadas loucas

E, é claro, alguém jogou alguém na parede, mas isto fica para uma outra história, porque diferente do que dizem, eu não sou a porra de um fofoqueiro!

Agora é hora de falar do Ano Novo, então vamos a ele.

Viviane, as meninas e eu chegamos há quatro dias. Clara, Bernardo e os meninos também. Nossos amigos foram à praia com as crianças e Vivi e eu ficamos com os bebês. Estou terminando de limpar a piscina e vou entrar para saber se ela precisa de mim.

Estávamos merecendo uns dias de descanso, ainda mais depois deste ano da porra. Nossa caçula, Giulia, nasceu quase três meses prematura. Quando ela saiu do hospital, depois de todo o medo que sentimos, a gente procurou conforto um no outro. E, bem, normalmente isso acaba em sexo. Eu sei que ainda era cedo, mas, porra, não planejamos mesmo e tampouco nos prevenimos.

Aí pra não perguntar pra Mila, dei uma olhada no Instagram dela. Ela tem um perfil bombado que dá umas dicas bem legais sobre pediatria e essas coisas de pais e filhos. Como não achei nada lá, recorri ao Dr. Google, que nos disse que era muito raro engravidar no puerpério (nome feio pra caralho). Ficamos tranquilos por exatos sete dias. E por tranquilo, leia-se transando. Só que aí a gente se protegia. O problema foi que no sétimo dia, a Vivi sonhou que estava grávida.

Foi quando começamos uma contagem regressiva. O doutor (Google, não a Mila) disse que a partir do décimo segundo dia da ovulação já dá para saber se há gravidez ou não. E como não dava pra pedir um exame de sangue pela internet, tivemos que contar a nossa amiga doutora, que depois de revirar os olhos e nos xingar por não conseguirmos nos controlar, pediu o exame e, veja só, temos mais um bebê a caminho.

— O que a gente vai fazer, Rafa? — Vivi disse, naquele dia ao chegarmos em casa.

— O que estamos fazendo: vamos criar as meninas e o outro monstinho ou monstinha que

virá.

— E os planos de voltar para a faculdade daqui a um ano? — Seus olhos se encheram de culpa.

Fiz as contas mentalmente antes de responder:

— Bom, o bebê vai ter três meses, porque vai nascer no tempo certo, ouviu? — Apontei o dedo para o ventre dela e depois o acariciei. — Dá para você voltar, como pretendia. São mais quatro semestres para terminar. A gente dá conta.

— Não sei. — Ela evitou meu olhar, passando a mão na testa.

— O que te preocupa, amor? — Coloquei seu rosto entre minhas mãos e a fiz olhar para mim. — O que quer fazer?

Seus lábios tremeram. Sabia que estava prestes a chorar. Os hormônios mal se tinham se ajustado e já íamos bagunçá-los de novo. Nem precisava falar. Reconheci o que sentia, porque era o que eu sentia em relação a ela: culpa. Devia ter me segurado.

— Não foi sua culpa, Rafa.

Essa é a vantagem de estarmos juntos há tanto tempo: sabemos ler o outro como ninguém.

— Nem sua.

— Não é errado eu querer estudar? Eu sou mãe delas.

— E por um acaso você as fez com o dedo? — Cruzei os braços e fingi uma expressão zangada.

— Idiota. — Ela riu e ganhei o dia.

Vivo por este sorriso.

— Eu fico com elas, Vivi. — Puxei-a para um abraço. — Já falamos sobre isso, amor. Somos uma equipe. Converso com Lex e Rodrigo. Nós nos ajeitamos e você termina a faculdade.

— Não acha errado eu querer terminar? Não acha egoísta? — Afundou a cabeça, inspirando profundamente.

— O quê? Querer que o pai delas fique com elas e com esse pestinha, enquanto a mãe

deles vai estudar para salvar o mundo?

— Eu não vou para escola para jovens superdotados do Professor Xavier, Rafa. É só a faculdade. — Desceu os braços pela minha cintura e comecei a dar graças aos céus pela mãe dela ter saído com as meninas. Deus, não tem como eu me cansar desta mulher.

— Não precisa ser dos X-Men para salvar pessoas, linda. — Acariciei suas costas, devagar.

— Acha mesmo que vou salvar vidas? — Ergueu o rosto.

— Você era só uma menina quando salvou a minha.

— Você também me salvou. — Ficou na ponta dos pés e beijou meus lábios devagar.

Não demorou muito para que o beijo doce se tornasse combustão pura e me fizesse querê-la ainda mais. Quando senti os dedos de Viviane brincando com o cóis da minha calça, sorri entre seus lábios.

— Quanto tempo temos até sua mãe chegar com as meninas? — Perguntei, guiando-a de costas para o quarto.

— Uma hora. — Respondeu, tirando minha camiseta e deixando-a cair no corredor.

— Que seja a melhor hora. — Peguei-a no colo, fazendo-a dar um gritinho de alegria e excitação.

A lembrança daquele dia é o suficiente para me deixar maluco.

Eu sei, eu sei. Mas o que posso dizer? É amor pra caralho.



Capítulo 3

VIVIANE

Love is a shelter
In a raging storm
Love is peace
In the middle of a war
If we try to leave
May God send angels to guard the door
No, love is not a fight
But its something worth fighting for^[2]
“Love Is Not a Fight” - Warren Barfield

Rafael entra no quarto, pé ante pé. Um costume que se adquire quando tem um bebê em casa e não quer acordá-lo. Giulia dorme confortavelmente em meus braços.

Ele está descalço, usando apenas uma bermuda. O dorso e braços tatuados chamam minha atenção, como toda vez que o vejo.

— Missão cumprida com a piscina. — Ele acaricia os cabelos claros da bebê e a pega dos meus braços, cantarolando baixinho.

Eu me levanto e me espreguiço, dando uma olhada em Athos, bebê de cinco meses de Bernardo e Clara, que dorme no berço. Clara é apaixonada pelos Três Mosqueteiros e Bernardo falou que combina com lema “Um por todos. Todos por um.” que eles usam nos treinos. Não importa o tempo que passe, Bernardo continua apaixonado por exercícios físicos.

Aproximo-me da janela e fecho os olhos, permitindo que a canção de Rafael inunde meu coração. Gosto desta calma. Amo saber que, apesar dos meses turbulentos, mais uma vez estamos inteiros.

Viro-me para ele, perdendo-me em seus olhos azuis. Meu mar particular. Intenso, revoltado, tranquilo, tempestuoso. Tantas emoções em um só olhar.

Seu sorriso precede o beijo na testa de Giulia. Que contraste incrível. Meu marido forte, musculoso, tatuado segurando nossa frágil pequena. Daríamos tudo por nossas meninas e por este que virá. Ainda não se vê nada, mas o sinto dentro de mim. Acaricio minha barriga. Mais uma vida que esse amor nos deu.

Rafael coloca Giulia no berço e caminha lentamente até mim. Não é preciso dizer nada. Sei o que pretende e não desejo impedi-lo. Ele puxa minha cintura e agarro-o pelos ombros.

Três segundos é o tempo que ele leva para tirar o meu vestido. Mais dois para me colocar sobre a cama. Mais três para tirar a bermuda e a cueca. E, finalmente, mais dois para me deixar completamente nua. Dez segundos no total. Ágil para deixar nossos corpos livres para depois mergulhar em mim lentamente, me fazendo arquear o corpo, quando seus lábios percorrem meu pescoço. A barba bem aparada me arrepia.

Arranho suas costas e ele finalmente toma meus lábios, a suavidade rapidamente sendo substituída pela intensidade que precisamos. Morde meu queixo, agarra um seio enquanto suga o outro. Contenho um gemido, tentando não fazer barulho.

Ele ri baixinho contra meu seio e desce a mão entre minhas pernas, me provocando. A cada segundo ficar em silêncio é mais difícil. Conhecendo meu corpo como a palma de sua mão, Rafael sabe que meu orgasmo está próximo e me provoca até quase atingir o limite.

Nossos olhos se encontram e ele se ajeita sobre mim, me penetrando de uma vez. Sem trégua, ele arremete e arqueia o corpo de encontro a ele, querendo mais e mais. Continuamos nesse ritmo por um momento de prazer que parece interminável, quando estamos prestes a explodir, as bocas se juntam contendo os gemidos de pleno contentamento.

Umedeço o lábio inferior e Rafael encosta a testa na minha. Feliz. Tão feliz que meu coração transborda com ele.

Seus olhos se estreitam, cheios de alegria, antes que ele deixe sair as palavras mais lindas

deste mundo:

— Te amo, porra.



I'm gonna stay right here by your side
Do my best to keep you satisfied
Nothin' in the world can drive me away
'Cause every day, you'll hear me say
Baby, I'm yours (baby, I'm yours)
And I'll be yours (yours) until two and two is three
Yours (yours) until the mountain crumbles to the sea
In other words, until eternity^[3]
“Baby, I’m Yours” – Artic Monkeys

Estou segundando Athos no colo e fazendo caretas que lhe arrancam uma gargalhada. Viviane está na espreguiçadeira ao lado com Giulia acomodada em suas pernas, relaxada. A sombra da varanda nos protege e uma brisa gostosa nos ajuda a aguentar esse verão do caralho.

O portão da casa se abre e Pedrinho e David, filhos do primeiro casamento da Clara, entram brincando um com o outro. É bom ver os gêmeos bem e felizes. Estão com nove anos.

— Papai! Mamãe! — Priscila, nossa filha mais velha, agora com três anos e meio vem correndo com os braços abertos. — A Gigi se comportou? — Beija sua mãe e acaricia a barriguinha da irmã.

— Se comportou, sim, pequena.

— Muito bem. — Priscila balança a cabeça e corre para me abraçar, também acariciando Athos, que dá uma risada gostosa para ela. — Quando a gente pode ter um destes? — Pergunta, referindo-se ao fato do primo ser um menino.

Vivi e eu nos entreolhamos e rimos.

— Talvez muito antes do que você imagina. — Aperto a ponta do seu nariz e ela corre, chamando as crianças para ir para a piscina.

— Tudo bem por aqui? — Bernardo se aproxima. Athos o nota e estica os braços, querendo o colo do pai, que o atende prontamente.

— Maravilha. — Respondo ao ver Clara dar um beijo nos cabelos de seu caçula.

— Passamos no mercado. — Ela mostra as sacolas.

— Opa! Já acendi a churrasqueira. — Eu me levanto e pego a sacola dela.

Clara sorri e permito olhá-la por mais um instante. Feliz por vê-la bem. Ao longo dos últimos anos ela conseguiu se entender consigo mesma e com sua autoestima. Bernardo é completamente fissurado pelo mundo fitness, apesar de comer como um touro. Ela gosta de treinar com ele, mas pelo bem-estar. Não liga muito para o controle de peso e finalmente aprendeu a se amar como é. E, olha, ela é linda. Nunca precisou se encaixar na porra de padrão nenhum e agora sabe disso.

Quando Bernardo olha para ela e a puxa para lhe roubar um beijo rápido, troco um olhar com Viviane. É assim que tem ser.

— Vou lá adiantando as coisas. — Espio dentro da sacola.

— Não exagera no churrasco, Rafa, que hoje tem ceia de Ano Novo. — Viviane me avisa.

— Relaxa, linda. Tô com uma fome do caralho. — Abaixo o tom de voz para que nenhuma das crianças escutem. — Me deixa cuidar da comida. Vamos comer agora. Vamos comer depois. Vamos comer até amanhecer e aí repetir. Vamos comer tanto que o Bernardo vai ter que correr muito mais que os dez quilômetros diários pra queimar a porra toda. — Isso me lembra que preciso olhar o pernil no forno.

Deixo-os rindo e passo na cozinha, antes de ir para a área da churrasqueira, no mesmo instante que meu celular toca. É o Lucas, meu primo.

— Se você não estiver a caminho, juro que te mato.

— A Mila está no plantão ainda e você sabe que prometi esperar.

— Sei. — Coloco a sacola no balcão de mármore da área da churrasqueira e prendo o

celular entre o ombro e a orelha, para que possa lavar as mãos. — Tô vendo o seu ânimo.

— Vou estar aí, ok? Agora me diga o que precisa que eu leve do mercado.

Conversamos por mais alguns segundos e desligo o celular.

Começo a temperar a carne, pensando que se realmente tivesse escolha, Lucas não viria.

De certa forma, eu me sinto um pouco mal por forçá-lo. A verdade é que estou com medo. Se ele se afastar por causa daquele problema filho da puta, a tendência é que nunca mais volte. E Lucas já perdeu demais para ter que se afastar da única família que restou. A conversa que tivemos há dois dias, quando nos vimos antes que eu viajasse, vem aos meus pensamentos.

Lucas estava parado, abaixado, segurando um ramalhete de flores em frente ao jazigo daqueles que perdemos.

Nossa família sempre amou a virada do ano. É uma época de recomeços. Minha mãe e o pai do Lucas eram irmãos. Cresceram acreditando que um novo ano é significado de oportunidades.

Quem iria prever que, há sete anos, em um início de ano, meu tio, voltando para casa com sua mulher, filho caçula e minha irmã, teria o carro jogado da pista por um filho da puta bêbado.

A única sobrevivente foi minha irmã e ainda assim, por apenas dois dias. Meu pai já havia morrido, vítima de um assalto e minha mãe morreria meses depois. Acho que, depois de tudo, ela nunca superou enterrar minha irmã. Hoje, tendo as meninas e sabendo tudo o que passei, eu a entendo. Como um pai pode enterrar um filho e sobreviver?

No fim, tudo o que nos restou foi um ao outro: Lucas e eu. Confesso que meu primo, na época com dezoito anos e cinco mais novo que eu, foi muito mais forte. Talvez por saber que alguém tinha que ser.

Não importa quantos anos passe, a dor de perdê-los sempre será a mesma. Nós só aprendemos a conviver com ela.

Na nossa última conversa, dias atrás, eu me aproximei dele, devagar. Coloquei minhas próprias flores, beijei a palma da minha mão e toquei a lápide fria.

Enxugando o rosto, meu primo se levantou, em silêncio.

Observei-o, sem falar nada durante um longo tempo. Parecia que suas forças estavam chegando ao fim. Eu sabia que tinha muito mais escondido ali, além do luto.

— O que está havendo, Lucas? É um inferno tudo isso e você sabe o quanto me dói que eles tenham partido, mas não aguento te ver assim.

— Não é isso. É que fico pensando em como estariam as coisas, se eles estivessem aqui. — Seu suspiro é tão melancólico me machuca — Há mais de nós abaixo da terra do que acima, Rafa.

— Eu sei. Mas eles não estão aí, estão aqui. — Toco o peito do meu primo e depois o meu. — E aqui. Não vai por esse caminho. Não adianta pensar em como teria sido. Acredita em mim, eu me afundei, quase morri com eles por pensar como você está pensando agora. A vida é o que é, a gente querendo ou não.

Lucas não disse mais nada e fomos embora.

Agora estou aqui, sete anos depois do acidente, já com trinta anos e querendo pegar a dor do meu primo e transferir pra mim. Porra, como é difícil manter todos felizes.

Parece ironia que o melhor cara receba o pior da vida. Ah, se estivesse em minhas mãos o poder de dar a ele o que merece.

Mas não. Tinha que estar na mão desse destino filho da puta.

Sei que está chegando no momento do Lucas tomar uma decisão. Ele não consegue mais lidar com esse caralho de situação sem demonstrar o que sente.

E falando no caralho da situação... Fernanda, Augusto e Felipe, filho deles, cruzam o portão.

Que a sorte esteja entre nós.

Capítulo 5

VIVIANE

Só sei dançar com você
Isso é o que o amor faz
Só sei dançar com você
Isso é o que o amor faz
“Só sei dançar com você” - Tiê

Rô

Ei, Vi, tô chegando.



Aperto o celular contra o peito após ler a mensagem do meu irmão, Rodrigo. É quase como se ele soubesse que uma sombra de tristeza me pegou. Estou na sacada do quarto principal, observando as crianças na piscina e Rafael tentando empurrar o Augusto, que o segura, levando-o junto na queda. Bernardo ri dos dois e mergulha também, para a alegria dos pequenos. Fernanda está lendo um livro, na espreguiçadeira.

— Não tem como não pensar nele, né? — Ouço a voz doce da Clara, atrás de mim.

— Essa época é difícil.

— Pra mim, o Natal é pior. — Ela apoia o queixo em meu ombro, me abraçando por um instante antes de se afastar para observar os outros.

Não precisamos falar abertamente. Sofro pela morte do meu pai há sete anos. Exatamente no mesmo dia em que a irmã de Rafael não resistiu aos ferimentos. Nós nos conhecemos assim, no luto, na dor.

Clara perdeu a mãe ainda criança e ela foi ferida de muitas formas, que não teriam

acontecido se a mãe estivesse presente.

Quando perdemos alguém que amamos para a morte, a vida passa a ter alguns momentos estranhos. É claro que ainda seremos felizes, mas é aí que mora a melancolia. A felicidade é boa e a vontade de partilhá-la com quem se foi persiste.

— Olha se não são as mulheres da minha vida. — Bernardo se aproxima de nós, nos abraçando por trás. Nem me dei conta de que ele havia saído da piscina.

Ele molha completamente nossos vestidos de verão e lhe dou um tapa por isso, mas não me afasto. Somos melhores amigos há muito tempo. Seu pai é meu padrinho e nos conhecemos desde criança. Clara nunca teve ciúme de nossa amizade, já o Rafa... bom, ele precisou de alguns anos para aprender a lidar com isso.

— Há motivos para essa sunga branca, cara? — Rafael pergunta atrás de nós, referindo-se a sunga de Bernardo.

— É tradição de festas, Rafa. — Bernardo ergue a mão, fingindo que é inocente. — Se controla. — Meu amigo beija os lábios de sua mulher e depois minha bochecha. — Nada de tristeza hoje.

Rafael estreita os olhos, preocupado. Sei que ele tem suas próprias dores. Eu me afasto delicadamente do Bernardo e me afundo nos braços do meu marido. Ele termina de encharcar o meu vestido.

— Vocês dois vão secar a molhadeira que fizeram pela casa, viu? — Aviso, enlaçando-o pela cintura.

— Ah, essa vida... Eu troco fraldas, cozinho, cuido das crianças e ainda vou ter que secar o chão?

— Vai! — Clara e eu respondemos, rindo.

— Afe, porra. — Rafael franze a testa, fingindo estar bravo, mas sorri, puxando meu vestido, enquanto sua boca procura a minha.



Tão natural quanto a luz do dia
Mas que preguiça boa,
Me deixa aqui à toa,
Hoje ninguém vai estragar meu dia,
Só vou gastar energia pra beijar sua boca
Fica comigo então, não me abandona não
Alguém te perguntou como é que foi seu dia
Uma palavra amiga, uma notícia boa
Isso faz falta no dia a dia
A gente nunca sabe quem são essas pessoas
“Céu Azul” – Charlie Brown Jr.

Estamos de volta à área da piscina. Não demora muito e o portão da frente se abre outra vez. Quando o carro entra, Branca, Maurício, Lex e Rodrigo descem dele.

— Eita, Maurício veio de vela da eterna Dona Flor e seus Dois Maridos. — Provoco e os três me respondem ao mesmo tempo com um dedo do meio. Como se essa porra fosse alguma coisa.

Pedrinho e David correm para abraçar o pai. Nessa família louca em que quase todo mundo é ex de outro, parece natural que o ex-marido da Clara passe a virada do ano conosco. Ele me entrega a Anninha, que agora está com um ano e dois meses, e se abaixa para abraçar e beijar os filhos.

— Tio Bô! — Priscila vem correndo e se joga nos braços do Rodrigo, que a rodopia no ar.
— Vamos brincar! Vamos pra piscina! Vamos jogar videogame depois e cantar e brincar na casinha de bonecas e depois a gente vai pra praia, jogar bola, pro riozinho, tomar sorvete, tocar violão.
— Meu Deus! A pequena nem respira.

Rodrigo começa a responder a tudo na mesma velocidade que ela, enquanto entrega o celular e documentos à Viviane, pega Pri no colo e se joga na piscina de roupa e tudo, deixando a criança maluca. O moleque é o rei dos pirralhos, não tem jeito.

— Não sabia que vocês vinham juntos. — Comento com Maurício.

— Não tinha pra que vir com um carro vazio, ué.

— Achei que você vinha com o Paulo. — Refiro-me ao seu namorado.

— Ele viajou com a família. — Seu tom é meio triste, mas não tenho tempo de fazer mais perguntas porque os outros se aproximam e eu sou discreto, porra.



Bom, todo mundo chegou, menos o Lucas e a Mila. E, pela mensagem do André, eles nem saíram de São Paulo ainda.

André é um grande amigo e já foi cunhado do Lex, quando a gente era mais novo. É, eu já falei que nossas relações são intrincadas e complexas. Inclusive, a Manu, ex do Lex, teve bebê há poucos dias e é por isso que eu sei que a Mila ainda está no hospital. Mila é a pediatra da bebê.

E não quer mesmo vir e trazer a Srta.
Tropeção da Porra?



Escrevo para o André, que responde, em seguida:

André

Não posso. Não com a Manu e a
Diana no hospital ainda.



Não está fácil pra nenhuma delas.

Tô aqui, cara. Pro que precisar.



É o que respondo. Queria dizer que vai dar tudo certo e essas coisas, mas isso não ajuda porra nenhuma quando estamos passando pela situação ruim. Já tive uma bebê prematura, mas o que a Giulia passou não se compara às complicações que a pequena Diana vem enfrentando. Ainda é cedo para dizer se ela vai sobreviver.

Entendo que André fique ao lado da irmã. É exatamente o que eu faria.

— Como ela está? — Lex me pergunta, se aproximando com uma cerveja na mão. Ele sabia que eu estava falando com o André.

— Não dá para saber como nenhuma das duas está, Lex. Manu estável, mas para alguém naquela situação, o que é considerado estável? Diana está com complicações.

— Que barra, meu. — A tristeza surge no semblante do meu amigo. — Ela começou a namorar aquele babaca, que se dizia melhor amigo do André, logo depois que terminamos. Às vezes me pergunto o que teria acontecido se nós nunca tivéssemos terminado.

— Acho que é esse caralho de época. Fica trazendo essas reflexões pra gente, mas tudo é o que tem que ser. — Baixo a voz e olho para a Viviane, que oferece uma toalha para Priscila. — Eu tô preocupado, cara.

Lex segue meu olhar, dá um longo gole na cerveja e pergunta:

— O que o médico disse?

— Que está tudo bem. A Giulia está bem. A Vivi está bem. É claro que vamos ter que acompanhar tudo com ainda mais atenção, mas ele acredita que não devemos nos preocupar. É que bate um medo da porra.

— Sem medo, Rafa. — Me dá dois tapinhas no ombro. — Vamos cuidar delas. Ficar atentos. Vou passar mais tempo no bar para que você passe mais tempo em casa e levamos um

dia de cada vez.

Direto, como sempre. Gosto de como ele não tenta me confortar com o que não pode prever.

Abro a boca para dizer algo, mas Rodrigo aparece me interrompendo, balançando o celular.

— Ei, adivinha só quem tá vindo?

Lucas. Ele nem precisa dizer.

Seu sorriso é gigantesco e sua alegria é característica da amizade intensa que ele sente pelo meu primo. Os dois se tornaram irmãos.

Saber que o Lucas está vindo me deixa feliz também. A família permanecerá unida. É assim que tem que ser.

Da piscina, Viviane sorri para mim. Porra, como eu amo essa mulher.



Broken pieces of
A barely breathing story
Where there once was love
Now there's only me
And the lonely^[4]
“The Lonely” – Christina Perri

O pessoal começa a tomar banho e se arrumar para a ceia. Lucas e Mila já deveriam ter chegado, mas é natural que se atrasem. É um dia de muito trânsito.

Rafa está dando banho na Giulia enquanto convenço Priscila a ir para o chuveiro. Fico um tempão tentando tirá-la da piscina.

— Se não for tomar banho, não vai ter esconde-esconde depois. — Rodrigo passa atrás de mim.

E um segundo é o tempo que a minha filha leva para sair correndo.

— Não tô acreditando. — Coloco as mãos na cintura e observo a porta por onde ela entrou na casa pronta para o banho.

— Não se culpe, Vi. Mulheres e eu. Você sabe... Elas nunca resistem. — Rodrigo me dá uma piscada, exagerando na pose de galã e bato nele com a toalha.

— Como você é idiota!

— Sou. Confesso. Mas que elas me amam, isso amam mesmo. — Fica rindo atrás de mim e corro para encontrar meu furacãozinho em forma de filha.



Priscila está sentada na cama, balançando as pernas, e termino de pentear seus cabelos negros. Muito mais escuros que os meus e os do Rafael. Tem muito do Rodrigo nela, inclusive os olhos verdes brilhantes. Essa garota será um perigo tão grande para a sociedade quanto seu tio.

Quando termino, ela me dá um abraço apertado e sai correndo pela casa à procura dos primos.

Separo minha roupa para ir para o banho e vejo Fernanda passar rapidamente pelo corredor.

— Fê — Em um instante, estou com o braço em seu ombro. Ela se vira, contrariada, com os olhos cor de mel, avermelhados pelo choro. — Ai, droga. Vem cá. — Levo-a para o meu quarto e tranco a porta. — O que houve?

— Nada, Vivi. — Responde, sem conseguir conter as lágrimas.

— Como nada? Me conta. Você e o Augusto brigaram? — Seguro o “de novo”. Ela não precisa disso agora.

Minha prima se casou bem novinha, aos dezenove. Ela estava grávida de Augusto. Os dois se amavam de um jeito tão encantador que parecia que era para ser. Mas há um tempo é visível que ela não está mais feliz. Só que ela nega. A Fernanda sempre nega.

— Foi uma bobeira, Vivi.

— Ok, então me conta a bobeira.

— Já passou.

— Fernanda. — Meu tom é sério.

— Foi uma bobeira, Vivi. — Repete. — Comprei um vestido para o fim do ano e não percebi que era muito decotado. Acabamos brigando. Acontece. Casais brigam. É normal.

— Não pela roupa que o outro veste ou deixa de vestir, Fê. — Digo as palavras devagar, segurando sua mão.

Fernanda evita meu olhar, aperta minha mão e se levanta, enxugando o rosto.

— Pronto. Já passou. Obrigada, prima. — E sem que eu possa dizer qualquer coisa, ela sai do quarto.

Fico perdida em pensamentos por um longo tempo. O quão longe podemos ir quando percebemos que alguém que amamos não está bem, mas a pessoa se nega a encarar?



Hope is just a ray of what everyone should see
Alone is the street where you found me
Scared of what's behind you
And scared of what's in front
Live with what you have now
And make the best of what's to come ^[5]
“Tell Me a Story” – Phillip Phillips

Anoiteceu. A ceia está prestes a ser servida e nada do Lucas e da Mila.

Ouçõ a risada da Fernanda e olho para trás. Augusto a puxa pela cintura e beija seu pescoço. Acho que ninguém aqui gosta muito do Augusto, mas amamos a Fernanda, então... Só sei que algo não está certo com esses dois, mas ainda não descobri o quê.

Coço minha barba, pensativo. Eu era super na minha antes de cruzar o caminho desta família. O problema é que se você é um Albuquerque, um Villa ou se você se relaciona com um, o lema “Um por todos. Todos por um.” nunca fez tanto sentido, sabe? E para completar agora temos um Athos. Com certeza um mosqueteiro cai como uma luva.

Nós nem tentamos mais disfarçar, quando vemos já estamos cuidando da vida um do outro. Olho no celular outra vez. Nada do Lucas.

— Ele vai chegar. — Vivi me abraça pela cintura e beija minhas costas.

Eu me viro e admiro seus cabelos compridos. Ela voltou a usar um tom de loiro mais claro. O vestido de alcinha cai com perfeição sobre seu corpo. Puxo-a para um abraço e desço a mão até tocar seu ventre.

— Tudo bem com os dois?

Ela assente, feliz.

— E se for uma menina?

— Aí eu vou estar perdido numa casa com quatro mulheres. Quanto mais melhor, amor.

Priscila corre até nós e abraça nossas pernas. Eu a pego no colo e ela se aconchega no meu peito, fazendo carinho no cabelo de sua mãe.

— Só falta a Giulia! — Pri ergue os bracinhos, rindo quando sopra em seu pescoço.

— Ah, nem vem. A Giulia é minha. — Lex se aproxima com a bebê no colo, provocando Priscila.

— Não! Não! — Priscila aponta o dedo. — Devolve minha bebezinha.

— E se ela for de todos nós? — Lex dá um beijo nos cabelos da Pri e entrega Giulia a Viviane.

— Hum... — Pri bate o dedinho no queixo. — Sou de todos também?

— Com certeza é. — Meu amigo bagunça seus cabelos.

— Então, tá bom, né, papai?

Sorrio pronto para responder, mas a porta da frente começa a se abrir.

— Viu? — Viviane sussurra em meu ouvido. — Eu disse.

— Tio Lucas! — Priscila se agita até que eu a coloque no chão e possa correr para os braços do meu primo.

Ela pula no seu colo, abraçando-o com força. Mila sai do carro e Pri dá um gritinho, já que também a adora.

— Acha mesmo que Mila e Lucas não estão transando? — Pergunto, em voz baixa, para Viviane com a sobrancelha erguida.

— Não estão.

— Tem certeza?

A verdade é que eu queria que estivessem. Mila é ótima e Lucas precisa desencanar.

— Sim.

Antes que o portão automático feche, Vicente entra com sua Harley Davidson. Ele tira o capacete e acena para nós. Capto o rápido olhar de Viviane na direção dele e da Mila.

— Ah, safada! Tá escondendo informações! — Acuso, brincando e ela se afasta, depois de dar de ombros, fazendo uma careta.

Deixo-a ir. Vai me contar mais cedo ou mais tarde. Aperto as mãos na grade da sacada. Priscila corre de um lado para o outro entre os recém-chegados.

Lucas me olha e balança a cabeça de forma afirmativa, me dando um sorriso discreto.

Agora posso respirar.



Capítulo 9

VIVIANE

Em lugar de mil palavras
Deixo o instinto se exercer
Deixa o íntimo silêncio
Percorrer só
Apesar de ser tão claro
Eu não consigo entender
E apesar de ser tão imenso
Cabe em mim
O mundo que você me deu
Não há sensação melhor, não há
Sinto estar
Perdida e salva
“Perdida e Salva” - Sandy

— Obrigada. — Mila diz de dentro do box, quando eu lhe passo a toalha, que ela esqueceu sobre a pia. — Não vou nem secar os cabelos. — Balança os cabelos escuros molhados. — Não dá. Está tão quente que parece que abriram as portas do inferno.

O pessoal está terminando de arrumar a mesa para a ceia e, como precisei trocar a fralda da Giulia, estou conversando com Mila, que tomou banho no banheiro do meu quarto. Já que Vicente e Lucas usavam os banheiros dos quartos de hóspedes.

Volto com a bebê e a deito na cama. Mila aparece na porta do banheiro, enrolada na toalha e sorri.

— Como a Gigi cresceu. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — E pensar que eu não queria que você ficasse com o pai dela, hein? Eu tinha um baita medo que você se machucasse.

— O mesmo medo que sinto em relação a você. Mas, veja só, o que esse amor louco nos deu. — Eu me abaixo para inspirar o perfume dos cabelos da minha caçula.

— Sou uma péssima madrinha. — Suspira e acaricia a barriga da Giulia. — Trabalho tanto que mal a vejo.

— Para de bobeira.

— Às vezes, eu queria isso, sabe? — Ela se senta na beirada na cama. — Uma família.

— Você tem.

— Você me entendeu. — Brinca com os dedinhos da Giulia.

— Se isso o que você quer, tenho certeza de que vai encontrar. Quem diria que eu teria três filhos aos vinte e seis anos?

— Olha, quando eu completar vinte e seis, se estiver treinando para fazer filho, vou achar maravilhoso. Nossa, eu morreria por muito treinamento nesse quesito agora mesmo. Cara, como transei pouco esse ano. — Ela ri e dá de ombros. — Ah, minha carreira toma demais do meu tempo e, antes do Lucas ir morar lá em casa, nem sabia mais o que era uma refeição quente, quanto mais sexo... Tá difícil

— Como está isso?

— Sexo? Continuo não tendo tempo nem disso. E o Lucas? — Ela se levanta e pega um vestido vermelho fresquinho, na sua mala, no canto do quarto. — Continua maravilhoso na cozinha, com o coração mais gigantesco que já vi e com um baita azar para relacionamentos amorosos. Nunca vi igual. — Tento evitar, mas a questiono com o olhar. — Não, continuamos só amigos e é assim que deve ser. Depois de namorar o Rodrigo e todo o enrosco com o Lex, acho que é melhor manter distância dos caras dessa família, né?

— Ah, é? — Estreito os olhos. — Você sabe que o Vicente pode ter ido embora há anos, mas ele ainda é um Villa, não sabe?

Mila se faz de ofendida, joga a peça de roupa na minha cara e veste sua lingerie.

— Como se eu quisesse algo com aquele imbecil egocêntrico.

— Uhum. Sei.

— Deixa de ser ridícula, Viviane. — Seu tom é zangado, mas sei que ela não liga para as

provações.

Não demora e ela fica pronta. Quero retocar minha maquiagem e ela desce para a sala com a Giulia.

Alguns minutos depois, quando saio do quarto, Vicente fecha uma porta do outro lado do corredor. Ele veste uma camiseta justa azul e uma bermuda. Seu cabelo loiro escuro está molhado. Observo-o passar a mão por ele e percebo alguns fios grisalhos, que também se espalham por sua barba. E é claro que eles o deixam ainda mais bonito.

— Ainda não tive tempo de te agradecer pelo convite, prima. — Diz com seu forte sotaque espanhol. Ele morou na Espanha com nossa tia avó Carmen por mais de dez anos. E os últimos três passou vivendo na África, atuando como um dos Médicos Sem Fronteiras. Chegou ao Brasil há um mês.

— Não precisa. Essa é sua família também.

Ele assente, pensativo. Vicente é o mais velho dos meus primos, com trinta e três anos, e o que menos conheço. Provavelmente por ter partido tão cedo, quando eu ainda era uma criança. Sempre achei que ele não gostasse de nós. Foi embora e quase não nos visitava. Aí cresci e passei enxergar algo a mais dentro daqueles olhos azuis, iguais aos do vó Fernando. Ele foge. Só não entendi do que ainda.

— Está me analisando? — Ele cruza os braços, e dá um sorriso charmoso.

— Estou. — Confesso, sorrindo.

— Posso perguntar por quê? — Ergue uma sobrancelha.

— Até pode, mas eu não pretendo responder até descobrir algumas coisas.

Sei que há uma atração meio doida entre ele e a Mila. Queria ter uma bola de cristal para saber se ele vai magoá-la ou não. Acho que prever o futuro funcionaria melhor que análise.

Vicente sustenta meu olhar, tentando me analisar também.

— Ei, as crianças estão desesperadas de fome. — Mila aparece no topo da escada atrás de mim. Vicente a olha interessado por um segundo e depois volta a me olhar.

— Por crianças, você se refere ao meu irmão e ao meu marido, certo? — Mila ri em resposta e estreito os olhos para o meu primo, que balança a cabeça, sorrindo, me acompanhando até a escada.

— Por quanto tempo vai ficar desta vez, Vicente? — Pergunto, seguindo seu olhar, que acompanha Mila até que ela suma de vista, indo para a cozinha.

— Está aí uma pergunta que não sei responder...

The image shows a chapter title graphic. At the top, there is a faint, stylized illustration of a guitar. Below it, the words "Capítulo 10" are written in a large, elegant, black cursive font. Underneath the chapter title, the name "RAFAEL" is written in a smaller, bold, black, sans-serif font. The background of the graphic is a light gray with some darker, abstract, ink-like splatters and textures.

Capítulo 10

RAFAEL

Resgate suas forças e se sintam bem,
rompendo a sombra da própria loucura.
Cuide de quem corre do seu lado e de quem te quer bem
Essa é a coisa mais pura
“Pontes Inquebráveis” – Charlie Brown Jr.

— A mais um ano com vocês. — Ergo a taça para brindarmos. Ainda estamos a duas horas da meia-noite, mas a fome apertou e não vamos comer sem brindar.

Todos repetem minhas palavras e, finalmente, podemos cair de boca em toda aquela comida.

E, graças aos céus, tudo corre bem. Comemos, bebemos, rimos, revezamos os cuidados com os bebês, tentamos não falar porra na frente das crianças. Ok, eu falei, confesso. Duas vezes. Três, se contar a que só o Pedrinho ouviu.

Ainda assim o jantar foi incrível.

Depois de comermos, Rodrigo liga o karaokê na sala e começa a cantar High School Musical com o Lucas, fazendo as crianças enlouquecerem. Encaro Bernardo, estreitando os olhos. Além da Vivi, ele é o único que já me pegou cantando esta música para a Pri, quando ela ainda era um bebezinho.

Bernardo ri, dando de ombros e me puxa pelo braço. Ah, foda-se. Lá vou eu, o roqueiro tatuado, o bad boy da porra toda, cantar High School Musical com os outros. É claro que aquele moleque do caralho abusa da minha boa vontade e coloca o Show das Poderosas depois. Em

seguida, sertanejo atrás de sertanejo. Quase dou um tapão nele, mas deixo, porque é Ano Novo, afinal de contas.

Quando faltam vinte minutos para a meia-noite, alguém fala de ir ver os fogos na praia. Como Anna, Athos e Giulia estão dormindo, ficamos alguns segundos sem saber o que fazer, até que Augusto diz que está cansado e ficará com os bebês e a Fernanda.

— A gente não liga muito pra virada em si.

É automático: todos trocamos olhares. Menos Lucas, que parece ter adquirido um estranho fascínio pelo branco do teto.

— Se você não se importa de ficar com os bebês, tudo bem. Obrigado. — Vicente responde antes que qualquer um de nós possa se recuperar. — Mas minha irmã e o Felipe vão com a gente para a praia, se eles quiserem. Os bebês estão dormindo. Você não terá trabalho. E há anos que não passo uma virada com minha irmã. É muito importante para mim. — Vicente pega Fernanda pela mão, que se emociona. Isso já era esperado. Ela é doçura pura.

— Eu fico também. — Lex avisou, sentando-se confortavelmente no sofá. — Eles são três. É bom que tenha dois de nós, pelo menos.

— Tudo bem, então. Por mim, tranquilo. — Augusto dá um sorriso, olhando no relógio. — É melhor vocês irem ou não vão chegar a tempo.



No caminho para a praia, as ruas estão movimentadas. Todo mundo quer ver os fogos do melhor lugar. Priscila segue de cavquinho com Lucas, que não olha para trás.

Viviane e eu caminhamos abraçados.

— Você se lembra do fim do ano passado?

— É claro. Tínhamos só a Pri. Ela ganhou aquela garrafinha cor-de-rosa do seu avô e não largava por nada.

— Sim, e no mês seguinte foi a vez do copo azul. — Sua risada preenche meus ouvidos. —

Você se lembra quando saiu para caminhar um pouco e levou o violão, porque algo te deixou com vontade de tocar?

— Lembro. Senti meu pai perto de mim. Precisei de um pouco de espaço.

— Eu sei. Aí horas depois, Pri e eu estávamos caminhando e lá veio você ao nosso encontro.

Você sorriu e parecia tão feliz, apesar de todas as suas dores. Eu achava que nunca tinha te amado tanto como naquele momento.

— Ah, é? — Beijo seu cabelo.

— Aí você fez qualquer coisa no dia seguinte e senti a mesma coisa.

— É o mesmo comigo. Clichê pra porra, mas a cada dia te amo mais.

Chegamos à praia e Lucas coloca Priscila no chão, que sai em disparada pela areia. Ele corre para alcançá-la e faço o mesmo porque sei que ela é danada.

Seguro-a pela mão e a faço ficar onde posso vê-la, mas me aproximo do mar ou ela não vai parar de falar que quer molhar os pezinhos.

Os outros se aproximam. Pedrinho, David e Felipe pulam na beira do mar, espalhando água para todo lado. É quase meia-noite. Fernanda passa devagar por nós para ficar de olho no filho. O movimento de Lucas é bem rápido e discreto, mas vejo a ponta dos dedos dos dois se tocando por breves segundos. Eles não se olham. Não se olham há muito tempo.

Vicente diz algo à irmã sobre o lugar em que atuou como médico na África. Ele não parece ter percebido nada diferente.

— Eu não vou mais te forçar a vir, Lucas. — Começo a falar, em voz baixa, e ele me olha, em silêncio. — Eu te amo, cara. Te amo pra caralho. Não quero que vá embora. Não quero que se afaste. Mas também não quero que sinta seu coração se partindo toda vez ela está por perto.

— Ele se parte quando ela não está também. — Sua sinceridade é repleta de tristeza.

— Eu não sei o que faria se estivesse em seu lugar. Porra, se a Vivi estivesse casada com outro cara. Nem sei... — Coloco a mão em ombro. — Você lembra o que o seu pai dizia todos os anos por volta desse horário?

— Sobre o que acontece entre o último e o primeiro dia do ano? — Pergunta com a voz embargada.

— Sim. É o momento de tomar aquela decisão que vai mudar tudo. — Sei o quanto tudo o consome. Nosso luto. Nossa luta. A vida tem a capacidade de ser muito filha da puta, quando quer. — Nem vou te dizer para tomar uma decisão hoje, mas uma vez, quando eu estava na merda, você esteve lá e não deixou que eu me rendesse. Agora sou eu que não vou deixar que você se renda. Tome uma decisão e a assuma. Foda-se qual seja, foda-se o que vão pensar. Se é o que o seu coração quer, vai atrás disso, porra!

Lucas não tem tempo de responder, as pessoas na praia começam a gritar a contagem regressiva.

10...

9...

8...

7...

6...

5...

4...

3...

2...

1...

Os fogos deixam o céu multicolorido. As pessoas se abraçam, choram, se emocionam, se beijam. Quando Viviane me abraça, eu a tiro do chão. Faço o mesmo com Priscila, depois olho para o céu, enviando meu amor àqueles que se foram.

Abraço a todos outra vez e puxo Vivi para mim a tempo de ver Lucas abraçando Fernanda. Para todas as outras pessoas, este é só um abraço de confraternização pela virada. Tolos, tem tantas palavras escondidas em poucos segundos de contato que, se fossem escritas,

dariam um livro.

Bernardo e Rodrigo estouram garrafas de champanhe, espirrando em todos nós.

Sobrevivemos a mais um ano e, não importa o que aconteça, sobreviveremos ao próximo também. Não sabemos o que ele trará. Problemas, é claro. Perdas, infelizmente. Alegrias, tristezas. O ano é um pacote completo e nunca é só bom ou ruim.

A nossa certeza é que não importa o quanto a vida nos machuque, sempre teremos um ao outro e isso é suficiente.

Então, com o coração disparando, tomado pela emoção do momento, eu grito:

— Feliz Ano Novo, porra!

Bônus Especial

para os leitores de

O Desapego Rebelde do Coração

Se você ainda não leu
“O Desapego Rebelde do Coração”
e
não gosta de spoilers,
esta é sua última chance de correr.



**AGORA SE VOCÊ
ESTÁ CIENTE E AMA
ESSES DOIS,**

Se joga!



I look and stare so deep in your eyes
I touch on you more and more every time
When you leave I'm begging you not to go
Call your name two or three times in a row
Such a funny thing for me to try to explain^[6]
“Crazy in Love” – Beyoncé



Branca

E, depois de dias incríveis na praia, voltamos para São Paulo. Rodrigo entra com a filha adormecida nos braços. Estamos em seu apartamento. Passo a maior parte das noites aqui desde que decidimos ficar juntos, ainda não vendi o meu. Acho que mantê-lo me dá uma espécie de controle.

Observo-o colocar Anna no trocador. Estamos no meio da madrugada e ela está desmaiada de sono. Ele troca sua fralda em silêncio.

Dou um beijo de boa noite na testa dela, deixo-os e vou para o banheiro, tomar uma ducha para esperá-lo.

Minha vida pode ser dividida entre antes e depois da Anninha.

Para alguém que pensava em não ter filhos e ainda vivia uma relação de pegação com o pai dela, seu surgimento em nossas vidas mudou tudo.

E, não dá para mentir, certo? Eu já o amava esse moleque há um bom tempo.

Recentemente ela me chamou de “mama” pela primeira vez. Acho que é culpa do Paulo, o babá, já que eu mesma nunca me referi a mim mesma dessa forma. A princípio, foi o um choque do cacete. Mas era inevitável.

Entrei nessa amando seu pai, o mais improvável dos pais, aliás, e terminei amando-a como se fosse uma extensão do meu coração. É inexplicável.

Separo um baby-doll e coloco-o sobre a cama.

No outro quarto, Rodrigo cantarola um sertanejo para Anninha. O Rafa o mataria por isso. O pensamento me faz rir.

Entro no box e abro o chuveiro, apenas quebrando o gelo da água. Deixando-a que ela refresque minha pele.

Eu sinto o exato momento em que Rodrigo entra no banheiro. Abro os olhos e o vejo tirando a camiseta e me olhando fixamente.

Já quero. Ah, quero e quero com força.



Rodrigo

Dessa vida nada se leva
E no fundo todo mundo espera
Um amor que venha pra somar, pra completar
O nosso santo bateu
O amor da sua vida sou eu
Tudo que é meu hoje é seu
E o fim nem precisa rimar
“O Nosso Santo Bateu” – Matheus & Kauan

Aninho minha filha nos braços e inspiro seu perfume, antes de colocá-la no berço, agradecendo pelo ano maravilhoso a seu lado.

Observo o retrato de sua mãe, na prateleira. Mais uma pessoa que a vida tirou de nós.

— Estou cuidando da nossa princesa, Amanda. — Murmuro, beijando a testa da Anninha.

Quem diria? Quem pensaria que eu estaria aqui, pai, apaixonado, feliz, tranquilo.

E moleque ainda, claro. Como eu ia mudar tão rápido? Não tinha como me tornar um poço de maturidade da noite para o dia, mas eu faço o que posso por essa pequena.

Apago a luz do quarto, depois de acender um abajur fraquinho e deixo que Anninha descanse.

Encontro o baby-doll da Branca na cama e escuto o barulho do chuveiro ligado. Ah, se ela soubesse que nem vai ter tempo de vesti-lo.

Entro no banheiro e vejo o corpo maravilhoso da mulher que amo entre espuma e água.

Ela não demora a me notar. Tiro a roupa, sem desviar o olhar. Em pouco tempo estou completamente nu, me juntando a ela no chuveiro.

Puxo-a pela cintura e nossas bocas se encontram, famintas. Minhas mãos correm por seu corpo molhado e Branca envolve minha ereção, com um sorriso malicioso.

— Ora, ora, quem já está louco para me pegar. — Ela me provoca, mordendo meu lábio.

— Eu sempre tô louco para te pegar. Você sabe, né? Servimos bem para servir sempre. —

Dou de ombros.

Branca dá uma gargalhada e, com um movimento a levanto pelo quadril, acomodando seu corpo ao meu. Ela engancha as pernas na minha cintura sorri, quando bato suas costas na parede.

— Hum... Vai ser forte hoje? — Há chamuscas em seu olhar. — Quero.

Não espero mais. Beijo-a até que respirar se torne difícil. Ela abaixa a mão e aperta meu pau. Sem esperar mais, dou o que ambos queremos.

Eu a penetro com força e intensidade. Branca arqueia as costas e desce as unhas pela nova tatuagem no meu braço.

Suas pernas apertam minha cintura e ela joga o corpo para trás, querendo mais e mais de mim.

Não nego. Eu não conseguiria negar nada a ela.

Segurando-a firme pelo quadril, aumento o ritmo, ao que ela acompanha arfando. Continuamos, cada vez mais intensos, cada vez mais rápido, cada vez mais profundo.

Putá que pariu, como eu amo essa mulher.



Momentos depois, ela está deitada na cama, languida.

Saio do quarto e, quando retorno, escondo algo atrás de mim.

— Preparado para o segundo round? — Branca pergunta, tocando seu corpo de modo que me deixa maluco.

— O que você acha? — Mostro a garrafa de tequila e a ouço rir, com a voz rouca de prazer.

— Ah, moleque...

AGRADECIMENTOS

Ah, como amei escrever mais sobre estes personagens.

Muitas novidades vêm aí em 2017, incluindo Batidas Perdidas #5, protagonizado por Lucas e Fernanda. <3

Espero que estejam tão ansiosos quanto eu.

Ah, se você ficou curioso para conhecer um pouco mais sobre os amigos que Rafael cita: André e Manuela, sugiro que leia **Em suas Mãos**, disponível em ebook na Amazon. Ah! Rafa é um personagem muito importante desse livro também.

Então, se não leu e o ama, corre para ler!

Espero que tenham gostado do Ano Novo dos #VillAlbuquerque.

Este conto foi um presente para meus leitores amados.

Hoje os agradecimentos ficam todos para vocês.

Obrigada por continuarem me apoiando, não importa a plataforma.

Obrigada por continuarem em minha vida.

Obrigada por me inspirarem sempre.

E, é claro, preciso agradecer ao Rafa. Obrigada por mais esta história.

Te amo, porra.

[1] Como uma febre/ Ardendo rapidamente/ Você reluz o fogo em mim/ Loucos sentimentos/ Me deixam rodopiando/ Eles me deixam a todo vapor

[2] O amor é abrigo/ Em uma feroz tempestade/ O amor é paz/ No meio de uma guerra/ E se a gente tentar sair/ Que Deus mande anjos para guardar a porta/ Não, o amor não é uma luta/ Mas vale a pena lutar por ele

[3] Eu vou ficar aqui ao seu lado/ Fazer o meu melhor para te manter satisfeita/ Nada no mundo pode me afastar/ Porque todo dia, você vai me escutar dizer/ Querida, eu sou seu (Querida, eu sou seu)/ E eu serei seu (seu) ate quando dois e dois for igual a três/ Seu (seu) até que a montanha desmoronem no mar/ Em outras palavras, até a eternidade

[4] Broken pieces of/ A barely breathing story/ Where there once was love/ Now there's only me/ And the lonely

[5] A esperança é um raio que todos deveriam ver/ Você me encontrou sozinho na rua/ Assustado com o que veio antes de você/ E com medo do que vinha pela frente/ Viva com o que você tem agora/ E faça o melhor com o que está por vir

[6] Eu olho tão profundamente em seus olhos/ Eu toco você mais e mais toda hora/ Quando você sai eu estou te implorando para

não ir/ Chamo seu nome duas ou três vezes/ É algo tão engraçado pra eu tentar explicar